

ALLEN PACKWOOD RICHARD DANNATT

O DIA DE CHURCHILL

Tradução
António Júnior

CRÍTICA

A todos aqueles que, sob o comando
aliado, perderam a vida na campanha da
Normandia

Índice

PARTE I: Planeamento	17
Capítulo 1: Em Retrospectiva É Bem Mais Fácil	19
Capítulo 2: Lidando com a Derrota	35
Capítulo 3: Discussões com os Aliados	63
Capítulo 4: Não Vai Resultar Mas Tem de Fazê-Lo, Raios	101
Capítulo 5: Guarda-Costas de Mentiras.	141
Capítulo 6: Portos <i>Mulberry</i> e Quebra-Mares <i>Gooseberry</i>	163
 PARTE II: Execução	 195
Capítulo 7: Confinamento	197
Capítulo 8: A Última Réstia de Força Disponível	223
Capítulo 9: Este Momento de Agonia	249
Capítulo 10: É a Partir Daqui Que Começamos a Guerra.	269
Capítulo 11: A Tirania da Overlord	299
Capítulo 12: Legados.	325
 <i>Nomes de Código</i>	 341
<i>Acrónimos</i>	347
<i>Unidades do Exército Aliado</i>	349
<i>Agradecimentos</i>	351
<i>Notas</i>	353
<i>Lista de Ilustrações</i>	367
<i>Bibliografia selecionada</i>	371
<i>Índice remissivo</i>	377

Prefácio

Winston Churchill é lembrado como o primeiro-ministro que levou a Grã-Bretanha à vitória durante a Segunda Guerra Mundial. No entanto, a sua reputação assenta mais nos acontecimentos de 1940 do que nos de 1944. É a sua oratória durante a Batalha da Inglaterra e o *Blitz* que continua a ser citada: a promessa de «sangue, esforço, lágrimas e suor», a determinação em travar a guerra até à vitória e a assertiva declaração de que a Grã-Bretanha «nunca se renderá». Na esfera pública, raramente é associado ao Dia D. Quando o é, a narrativa é muitas vezes negativa, sugerindo que Churchill atrasou e obstruiu deliberadamente tentativas de se realizar o ataque através do Canal da Mancha numa data anterior, prolongando desnecessariamente a guerra e o sofrimento de inúmeros milhões de pessoas na Europa.

Como líder britânico, Churchill esteve envolvido no planeamento e na implementação da Operação Overlord (a invasão de França) desde o seu início. Este livro procura analisar e explicar o seu papel.

É uma história complicada que só pode ser compreendida no contexto da derrota e da fraqueza britânicas nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial. Envolve a articulação de várias vertentes: de alianças políticas inconstantes, estratégias militares contraditórias, necessidades táticas em evolução e enormes desafios logísticos. Os acontecimentos levar-nos-ão a Downing Street, ao Parlamento, à Casa Branca e ao Kremlin; ao norte de África, à Grécia, à Itália e a França. Encontraremos uma

incrível variedade de personagens, algumas delas já bem conhecidas da história: líderes nacionais como o presidente Roosevelt, o marechal Estaline e o general de Gaulle; comandantes militares como os generais Alexander, Brooke, Eisenhower, Marshall, Montgomery e Patton ou os almirantes Cunningham, Mountbatten e Ramsay. Mas também apresentaremos outros nomes que não são familiares, uma amostra da diversidade de homens e mulheres que tornaram o Dia D possível, fazendo o seu trabalho, por vezes enfrentando grande perigo, frequentemente em segredo e sob grande tensão. Entre eles contam-se homens e mulheres como o sargento-mor de companhia Stan Hollis, do 6.º Batalhão dos Green Howards, John Anthony Hugill – conhecido por Tony –, da Unidade de Assalto 30, a funcionária das Wrens¹, Christian Oldham (mais tarde, Christian Lamb), o piloto de bombardeiros canadiano Roland MacKenzie e o paraquedista americano T. L. Rodgers; organizadores e administradores como a jovem Joan Bright (mais tarde, Joan Astley), que trabalhou no meio da teia de informações de Whitehall, o general Frederick Morgan, encarregado de desenvolver o plano do Dia D, e o comandante John «Jock» Hughes-Hallett, que ajudou a preparar a força de assalto naval; especialistas em dissimulação como o coronel John Bevan e o romancista Dennis Wheatley; cientistas e inovadores como Geoffrey Pyke e o major-general Percy Hobart. A lista continua. O sucesso do dia 6 de junho de 1944 dependeu da contribuição de imensa gente.

No centro da nossa narrativa encontra-se o primeiro-ministro britânico. Com sessenta e nove anos em junho de 1944, Winston Leonard Spencer-Churchill era um homem cuja história já era longa e complexa. Orador poderoso, escritor profissional e pintor amador, a sua carreira política fora uma montanha-russa. Eleito pela primeira vez para o Parlamento em 1900, servira em muitos dos principais cargos do Estado. Bastante consciente da sua linhagem como descendente e biógrafo do grande general britânico do século XVIII, John Churchill, primeiro

¹ Women's Royal Naval Service (WRNS) [Serviço Naval Real Feminino], popular e oficialmente conhecido como as Wrens. (*N. da T.*)

duque de Marlborough, servira no exército e exercera anteriormente responsabilidades ministeriais nos três ramos das forças armadas. Sem receio de controvérsias, mudara duas vezes de partido político (do Conservador para o Liberal em 1904 e, vinte anos mais tarde, em 1924, de novo para o Conservador) e estabelecera uma reputação de defensor acérrimo do Império Britânico e de opositor belicoso do comunismo e do fascismo. Na década anterior à Segunda Guerra Mundial, estivera afastado de cargos políticos e, durante grande parte da década de 1930, foi considerado por muitos como um dissidente, um oportunista ou uma relíquia de uma época anterior. Mas a sua oratória inflamada, a oposição consistente ao apaziguamento de Hitler e os apelos ao rearmamento britânico fizeram com que regressasse à proeminência e assegurasse o cargo de primeiro-ministro. Enquanto escrevíamos este livro, lembrámo-nos repetidamente de que o sucesso final do Dia D não era, de forma alguma, óbvio. Na época, muitos duvidavam que resultasse – e há muitas razões para que pudesse ter sido um desastre. Ao reproduzir cuidadosamente documentos contemporâneos escolhidos, tentámos esclarecer a maneira como as decisões foram tomadas – e procurámos transmitir os riscos associados a cada uma delas. Além de fornecerem mais informação sobre algumas das questões militares enfrentadas por Churchill, esperamos que a nossa seleção de telegramas, cartas e outros materiais da época iluminem ainda mais as personalidades e os debates fulcrais.

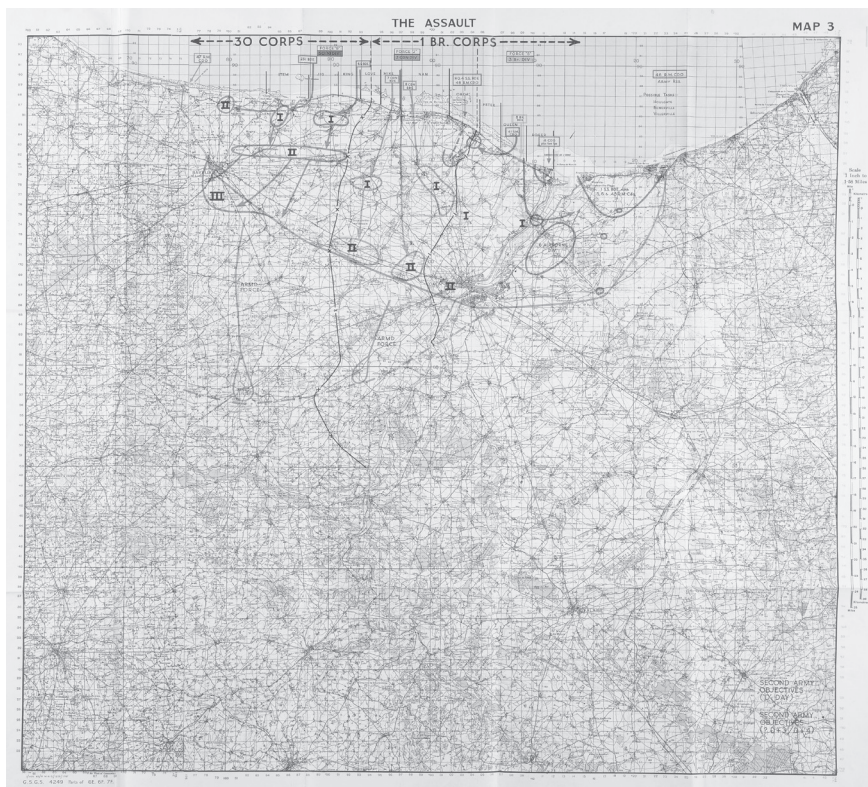
O Dia D, 6 de junho de 1944, foi sem dúvida um ponto de viragem na História. A influência de Winston Churchill nos acontecimentos tem sido cada vez mais questionada, mas é inegável que ele foi uma força a ter em conta e alguém que não ficaria em silêncio num momento de extremo risco nacional (e internacional).



I A N D Y

Parte I

Planeamento



Mapa das praias do Dia D mostrando os objetivos britânicos e canadianos, 1944

Capítulo 1

Em Retrospectiva É Bem Mais Fácil

«Vão deixar-se matar aí deitados ou vão levantar-se
e fazer alguma coisa contra isso?»

Ao amanhecer do dia 6 de junho de 1944, terça-feira, enquanto a Grã-Bretanha dormia, o sargento-mor de Companhia Stan Hollis, do 6.º Batalhão dos Green Howards, desceu pelas redes de escalada no costado do cargueiro *Empire Lance* e entrou na lancha de desembarque onde percorreria as últimas e enjoativas milhas de mar até à praia de Gold. Quando a lancha de Hollis se aproximava da costa, ele viu uma posição alemã no meio do sector para onde se dirigia com os seus homens. Pegou numa metralhadora *Lewis* de outro soldado e disparou dois carregadores de fogo automático contra a casamata. Não houve resposta. Poucos minutos passados, depois de ter corrido pela praia, Hollis descobriu que a sua «casamata» era apenas o abrigo do elétrico da linha férrea ligeira local (o «Abrigo de Hollis» está agora na orgulhosa posse do seu regimento).

A muito aguardada «segunda frente» dos Aliados no Ocidente, com o nome de código Operação Overlord, começava a tomar forma. À medida que a proteção da noite desaparecia, o sol de início de verão iluminava a maior armada alguma vez reunida. Os primeiros desembarques começaram às 6 h 30 m. Durante a noite, paraquedistas da 6.ª Divisão Aerotransportada britânica tinham controlado o flanco oriental da zona de desembarque, enquanto as 82.ª e 101.ª Divisões Aerotransportadas dos EUA tinham tomado o flanco ocidental para reduzir o risco de contra-ataques alemães. Ironicamente, o mau tempo

fora de época, que já tinha forçado a um adiamento de vinte e quatro horas do assalto anfíbio, persuadira o Alto Comando Militar alemão de que o tempo estava demasiado mau para os Aliados lançarem o seu assalto nesse dia. O marechal de campo Rommel, que comandava o Grupo de Exército B no sector da Normandia, regressara à Alemanha para festejar o aniversário da mulher, enquanto os oficiais de topo do 7.º Exército se reuniam em Rennes para um dia de trabalho, a fim de reverem os seus planos contra a invasão.

Com o início do dia, o HMS *Belfast* (atualmente mantido no Tamisa pelo Imperial War Museum) começou a bombardear as defesas alemãs acima da praia de Gold, onde os soldados dos Green Howards de Stan Hollis desembarcavam. Mais a oeste, o assalto da 4.ª Divisão de Infantaria dos EUA controlara a praia de Utah, com apenas 197 baixas, mas os combates na praia de Omaha continuavam renhidos. A inexperiente 29.ª Divisão de Infantaria dos EUA atacou a metade ocidental da praia de oito quilómetros, enquanto à 1.ª Divisão de Infantaria, já com experiência de combate, foi atribuído o sector oriental. A praia era dominada por elevadas falésias, defendidas pela experiente 352.ª Divisão de Infantaria alemã, recentemente transferida da frente russa para a Normandia. A intensidade dos combates é captada nas sequências de abertura do filme de Steven Spielberg, *O Resgate do Soldado Ryan*. O espectro do desastre pairava à medida que as baixas aumentavam. Diz-se que um tenente norte-americano, não identificado, persuadiu os soldados de infantaria relutantes: «Vão deixar-se matar aí deitados ou vão levantar-se e fazer alguma coisa contra isso?» Os combates na praia de Omaha foram os que mais se aproximaram da concretização do pesadelo que assombrava os líderes Aliados sobre o fracasso da Overlord. Não havia plano B, apenas evacuação.

O povo britânico acordou com a notícia do desembarque nas rádios. O primeiro-ministro Winston Churchill entrou na Câmara dos Comuns três minutos antes do meio-dia e foi rapidamente chamado à pasta de despacho. De acordo com o deputado Harold Nicholson, estava «branco como um lençol» e Nicholson temeu que estivesse «prestes a anunciar algum desastre terrível». A conversa agitada dos deputados

que o aguardavam foi substituída por um silêncio expectante. Churchill tinha duas notícias para dar. Não começou pelos desembarques na Normandia, mas por um relato da libertação de Roma no domingo anterior, elogiando o general britânico Harold Alexander, comandante do teatro de operações italiano, cujo nome foi saudado com uma tremenda ovação pelos políticos reunidos. O primeiro-ministro passou então a descrever em pormenor as últimas fases da campanha italiana, desde os desembarques em Anzio, a 22 de janeiro, até à entrada dos Aliados na cidade eterna (coincidentemente, no quarto aniversário do famoso discurso de Churchill «Nunca Nos Renderemos»).

Havia, sem dúvida, um elemento teatral no facto de adiar a menção à Normandia. Churchill era um consumado artista parlamentar. Sabia que tinha a audiência suspensa das suas palavras, aguardando ansiosamente o primeiro relatório sobre os desembarques. Mas ao adiá-lo, também sublinhava que atribuía igual peso aos acontecimentos em Itália, onde os exércitos aliados estavam sob comando britânico. Considerava que este «acontecimento memorável e glorioso» – a tomada de Roma – justificava o seu apoio contínuo às operações no Mediterrâneo. Operações que fazia questão de sublinhar estarem em curso, relatando que «As forças aliadas, com os americanos na primeira linha, estão a avançar para norte, numa perseguição implacável do inimigo». Churchill continuava empenhado em manter operações combinadas britânico-americanas na península italiana, mas receava que os americanos dessem agora primazia a França e à Overlord.

Depois de exprimir o seu ponto de vista, passou ao anúncio principal do dia sobre os desembarques na Normandia. As suas observações foram breves, simples e factuais. Obviamente, havia muito que não podia dizer. A situação ainda decorria. O nevoeiro da guerra pairava sobre os acontecimentos e, ciente da segurança, não queria prejudicar os desembarques dando informações úteis ao inimigo. Mesmo assim, vale a pena apresentar aqui as suas observações na íntegra:

Também tenho de anunciar à Câmara que, durante a noite e as primeiras horas desta manhã, teve lugar o primeiro da série de desembarques em

vigor no continente europeu. Neste caso, o assalto libertador recaiu sobre a costa de França. Uma imensa armada de mais de 4000 navios, juntamente com vários milhares de embarcações menores, atravessou o Canal da Mancha. Efetuaram-se, com sucesso, desembarques aéreos em massa atrás das linhas inimigas e, neste momento, os desembarques nas praias decorrem em vários pontos. O fogo das baterias costeiras foi em grande parte suprimido. Os obstáculos construídos no mar não se revelaram tão difíceis como se previa. Os Aliados anglo-americanos são apoiados por cerca de 11 000 aviões de primeira linha, que podem ser utilizados conforme necessário para os objetivos da batalha. Não posso, naturalmente, comprometer-me com quaisquer pormenores específicos. Os relatórios chegam em rápida sucessão. Até agora, os comandantes envolvidos informam que tudo está a decorrer de acordo com o plano. E que plano! Esta vasta operação é, sem dúvida, a mais complicada e difícil que alguma vez ocorreu. Envolve marés, vento, ondas, visibilidade, tanto do ponto de vista do ar como do mar, e o uso combinado de forças terrestres, aéreas e marítimas no mais alto grau de proximidade e em contacto com condições que não podiam e não podem ser totalmente previstas.

Já há esperanças de que tenha sido alcançada uma verdadeira surpresa tática e esperamos oferecer ao inimigo uma sucessão de surpresas no decurso dos combates. Durante muitas semanas, a batalha agora iniciada aumentará constantemente em escala e em intensidade e não tentarei especular sobre a sua evolução. No entanto, posso dizer o seguinte. Prevalece em todos os exércitos aliados uma unidade total. Há uma irmandade de armas entre nós e os nossos amigos dos Estados Unidos. Há uma confiança total no comandante supremo, o general Eisenhower, e nos seus lugar-tenentes, e também no comandante da Força Expedicionária, o general Montgomery. Nestes últimos dias, foi esplêndido de testemunhar, como eu próprio vi, o ardor e o espírito das tropas ao embarcarem. Nada se descurou daquilo que o equipamento, a ciência ou a previsão pudessem fazer e todo o processo de abertura desta nova grande frente será prosseguido com a máxima determinação tanto pelos comandantes como pelos governos dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha que eles servem.

Eram palavras cuidadosamente escolhidas para enfatizar a complexidade da operação: a utilização de medidas de dissimulação para conter o elemento surpresa e convencer o inimigo de que aquele poderia ser o primeiro de vários ataques, a unidade dos comandantes americanos e britânicos e o moral e o treino das tropas. Churchill tinha razão ao afirmar que todos eram essenciais para o êxito de uma operação daquela envergadura.

Este primeiro discurso pode parecer bastante breve e contido, especialmente se comparado com a sua famosa oratória de 1940. Não há grandes perorações, não há referências ao «melhor momento», não há promessas de «sangue, esforço, lágrimas e suor», não há exortações como a de «nunca nos renderemos». Churchill falou apenas durante alguns minutos, antes de prometer voltar à Câmara, talvez antes da suspensão da sessão, para fazer uma atualização. Tratava-se de uma declaração provisória, feita numa altura em que o resultado da batalha era ainda desconhecido.

Dadas as circunstâncias únicas, as observações do primeiro-ministro foram recebidas pela Câmara sem debate nem críticas. Não era o momento para discursos ou desunião, embora dois opositores de longa data de Churchill tivessem tecido comentários. O veterano político comunista Willie Gallacher exprimiu «o meu sentimento e, estou certo, o sentimento de todos os membros da Câmara, de que os nossos corações e pensamentos estão com estes rapazes que fizeram a travessia para o continente e com as suas mães aqui em casa». O deputado socialista Aneurin Bevan perguntou se o primeiro-ministro enviaria uma mensagem da Câmara ao povo francês. Ambas as intervenções podem parecer inócuas, mas serviram certamente para recordar Churchill da enorme responsabilidade que tinha pela vida dos soldados britânicos e dos civis franceses. Dois grupos que naquele preciso momento sofriam baixas.

A declaração de Churchill na altura contrasta com a forma como mais tarde descreveria aquele mesmo momento, o lançamento do ataque, nas suas memórias do tempo de guerra. Revisitando, em 1950-51, os acontecimentos do Dia D, escreveria: «Começara a enorme empresa

de travessia do Canal da Mancha para a libertação de França. Todos os navios estavam no mar. Tínhamos o domínio dos oceanos e do ar. A tirania de Hitler estava condenada.» Esta citação, retirada do penúltimo parágrafo de *Closing the Ring*, o penúltimo livro da sua história épica de seis volumes, *The Second World War*, não podia revelar mais confiança, concluindo: «Nem podíamos duvidar, apesar de o caminho poder ser longo e difícil, de que seria obtida uma vitória decisiva.»

Mas trata-se de uma citação que resume o nosso problema ao falarmos da Operação Overlord, nomeadamente o luxo de saber que resultou. Em retrospectiva, é fácil sentarmo-nos aqui e dizer que esta foi, evidentemente, a estratégia correta, aquela que pôs fim à guerra de uma forma rápida e decisiva e que, em última análise, garantiu a liberdade da Europa Ocidental tanto do fascismo como, talvez, do comunismo. Apesar do que ele escreveu mais tarde, em 1944 não foi assim tão fácil, simples e previsível para Churchill, ou para o presidente Franklin Roosevelt e para os outros líderes britânicos e americanos.

Na altura em que foi publicado o volume relevante das suas memórias de guerra, em 1952, Churchill estava de regresso ao n.º 10 de Downing Street como primeiro-ministro em tempo de paz e o general Eisenhower, comandante supremo da operação do Dia D, tornar-se-ia em breve presidente dos Estados Unidos. A reputação de ambos fora assegurada pela vitória e a sua história tornara-se sinónimo do triunfo do Ocidente; uma história que agora minimizava deliberadamente o papel dos seus antigos aliados soviéticos – transformados nos inimigos da Guerra Fria – e que já via os acontecimentos de 1944 a partir de outra perspetiva, colorida pela nostalgia, influenciada pelas novas realidades do pós-guerra e composta com o benefício da retrospectiva. O Dia D já entrava no âmbito do mito, tendência que apenas se aceleraria, alimentada por filmes de Hollywood como *6 de Junho – Dia D* (1956) e *O Dia Mais Longo* (1962).

Se olharmos sem essas camadas de retrospectiva para os acontecimentos, tal como na altura se apresentaram a Churchill e aos seus contemporâneos, surge uma história menos confiante e mais confusa.

Em junho de 1944, Churchill era primeiro-ministro há pouco mais de quatro anos. Com a sua carranca de buldogue, o laço às pintas,

a saudação com os dois dedos em «V de Vitória» e o sempre presente charuto, tornara-se uma das figuras mais famosas e imediatamente reconhecíveis da sua época. Em alguns aspetos, o seu gabinete de primeiro-ministro não era muito diferente de uma moderna corte dos Tudor, onde o seu excêntrico grupo de conselheiros especiais se cruzava com membros da família, funcionários públicos, políticos e comandantes militares. Ao criar para si próprio o novo cargo de ministro da Defesa e ao combiná-lo com o cargo de primeiro-ministro, assegurara-se de que a liderança política e militar dependia diretamente dele, presidindo ao Gabinete de Guerra, à Comissão de Defesa e reunindo-se regularmente com os chefes do Estado-Maior (os chefes militares do exército, da armada e da força aérea). Sempre crente em si próprio, confiava nas suas capacidades como estratega e, como veremos, contribuíra com opiniões fortes em todas as fases dos debates sobre a natureza e a oportunidade do Dia D.

Mas até que ponto essa estratégia era influenciada pelos fantasmas do seu passado? É comum as salas de jantar das universidades de Oxford e Cambridge estarem cobertas de retratos dos seus antigos e ilustres membros e alunos. Em contraste, a sala de jantar do Churchill College, em Cambridge, construído para ser o memorial nacional e da Commonwealth britânica a Sir Winston, apresenta apenas uma fotografia. Trata-se de um Churchill mais jovem, mais magro, mais anguloso e ainda com os restos do cabelo ruivo da juventude. Representando-o sobre um fundo negro sombrio, com bolsas sob os olhos, é um retrato escuro e austero. Capta Churchill em 1916, com quarenta e um anos. O original foi pintado por William Orpen e ainda pertence à família Churchill. A versão que se encontra no Churchill College é uma cópia especialmente encomendada, feita pelo artista John Leigh-Pemberton. A viúva de Churchill, Clementine, recomendou-a como uma das mais fiéis representações do marido e capta-o não no seu «melhor momento» mas no seu ponto mais baixo, depois de ter perdido o cargo por causa da Crise dos Dardanelos.

No início da Primeira Guerra Mundial, Churchill era Primeiro Lorde do Almirantado, o ministro civil responsável pela maior armada do

mundo. A frota fora modernizada e mobilizada, as reservas de que ele dispunha eram elevadas. Mas não se concretizaram as esperanças de uma batalha naval decisiva entre a Grande Frota britânica e a Frota de Alto-Mar alemã. Confrontada com o impasse da guerra de trincheiras na Frente Ocidental, em França e na Bélgica, a armada foi relegada para o papel menos glorioso de proteger as rotas comerciais britânicas e fazer o bloqueio à Alemanha. Procurando formas de aliviar a pressão sobre os exércitos aliados, Churchill concentrou-se na abertura de uma nova frente contra a Turquia, o aliado mais frágil da Alemanha. Rapidamente se tornou o principal defensor no Gabinete de um plano de utilização de navios para forçar a passagem pelo Estreito de Dardanelos, as estreitas águas guardadas pela península de Galípoli que desembocavam no mar de Mármara. O objetivo era forçar uma passagem pelo Estreito, sitiá-lo Constantinopla [atual Istambul] e retirar a Turquia da guerra, ao mesmo tempo que se criavam novas rotas de abastecimento para a Rússia, aliada da Grã-Bretanha. O problema é que o Estreito estava bastante protegido por fortes e minas. Quando a força naval expedicionária, sob o comando do almirante Carden e, posteriormente, do almirante de Robeck, não conseguiu forçar a passagem pelo Estreito, perdendo três navios de guerra, o Gabinete de Guerra tomou a fatídica decisão de utilizar tropas para tomar a península de Galípoli. Em abril de 1915, foram desembarcadas forças britânicas, francesas, australianas e neozelandesas, mas, deparando-se com uma forte resistência turca a partir de posições entrincheiradas no terreno montanhoso que dominava o local de desembarque, não conseguiram sair das cabeças de praia e acabariam por ser evacuadas em janeiro de 1916. As baixas foram consideráveis, cerca de um quarto de milhão de Aliados mortos ou feridos. Entre os sobreviventes encontravam-se alguns que viriam a desempenhar um papel proeminente na Segunda Guerra Mundial, como o jovem capitão William Slim, mais tarde comandante das forças britânicas na Birmânia (atual Myanmar), e Clement Attlee, que se tornaria líder do Partido Trabalhista, vice-primeiro-ministro de Churchill em tempo de guerra e primeiro-ministro no pós-guerra.